

Secularização e Caridade

Recensão do livro *Acreditar em Acreditar*, de Gianni Vattimo
(Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1998, 101 p.)

Gianni Vattimo é um escritor que se destaca na área filosófica principalmente por seus estudos sobre Heidegger e Nietzsche. É professor na Universidade de Turim, membro do Parlamento Europeu e um dos principais pensadores da pós-modernidade, termo este que se justifica na visão do autor de que em alguns aspectos a modernidade acabou; e esse pensamento é explicado em seu livro "*O fim da modernidade*" (Ed. Martins Fontes). *Em Acreditar em Acreditar*, Vattimo se aventura na discussão da religião utilizando seus longos estudos filosóficos como ponto de partida e uma hermenêutica desafiadora dos termos Secularização e Caridade. Ele quebra as regras com a decisão de escrever na primeira pessoa do singular. É fascinante a honestidade de colocar incisivamente suas críticas ao catolicismo, como é fascinante também o modo como apresenta não somente seu pensamento mas sobretudo suas próprias vivências.

Adentramos, então, ao livro propriamente dito. Vattimo destaca, inicialmente, os fatores que contribuem para que o fenômeno religioso retorne em nossos dias. Este retorno não é somente fruto de um avanço do indivíduo em direção à morte, mas o resultado de um processo de transgressão, renovação e redenção, o qual está totalmente integrado com a história e com os projetos humanos. A discussão de Vattimo irá se estender como uma crítica à todo tipo de religião atávica, ou seja, aquele tipo de religião onde a transcendência (Deus) possui uma característica totalmente violenta e, portanto, afastada da racionalidade e da estrutura de pensamento da modernidade. Que Deus é este e que religiosidade é esta que atualmente retornam, num mundo tomado pela técnica e pelas chamadas derrotas da razão vislumbradas em vários acontecimentos de nosso tempo?

As religiões, contrariando a todas as expectativas do iluminismo e do positivismo de que ela (a religião) estaria totalmente superada diante dos avanços da racionalidade, retornam com toda força, constituindo-se, inclusive, como guias para o futuro. O contexto em que ela retorna é, de certa forma, chamado de fim da modernidade. O que vem a ser isso? É um contexto de niilismo e fim da metafísica, no qual estão reverberando os ecos de Nietzsche e de Heidegger. O Nietzsche da modernidade como consumação final da crença no ser e na realidade enquanto dados objetivos e o Heidegger do fim da metafísica da objetividade. Olhando para este contexto, onde a ciência apresenta traços niilistas e uma objetividade exagerada que afasta o homem daquilo que é real e daquilo que é o humano, e baseando-se nos pressupostos daqueles dois autores é que Vattimo irá tentar fazer um leitura deste retorno. O niilismo tem um sentido profundo que deve ser levado em conta.

Partindo de sua experiência religiosa pessoal e das leituras que fez da modernidade baseadas naqueles autores dos quais falamos há pouco, Vattimo, uma vez que não pode nem quer se desvincular da sua herança cultural cristã, tentará estabelecer a relações possíveis desta com as filosofia daqueles autores, de modo a apontar para as proximidades dos dois discursos que, embora diferentes, possuem características comuns. Nietzsche e Heidegger estariam de acordo com um fundo cristão? Pode-se fazer um reencontro niilista do cristianismo? Vattimo irá se concentrar, sobretudo, na

filosofia de Heidegger, a qual pode ser considerada como uma filosofia do debilitamento do ser, ou seja, o ser considerado na medida em que se despoja daquelas estruturas objetivas da metafísica tradicional e readquire a sua característica de abertura. Poderia ser o cristianismo avaliado segundo um pensamento débil? Não seria a encarnação de Deus também um debilitamento, onde a violência do Deus natural deixaria de existir, a fim de que ele estivesse mais próximo do ser humano e da história? E se realmente a história da salvação e toda a mensagem cristã são um processo de distanciamento da divindade violenta, pode-se dizer que a encarnação deve necessariamente produzir secularização e que a secularização é a realização da religião.

A encarnação, isto é, o rebaixamento de Deus ao nível do homem, aquilo a que o novo testamento chama a *kenósis* de Deus, deverá ser interpretada como sinal de que o Deus não violento e não absoluto da época pós-metafísica tem como traço distintivo a mesma vocação para o debilitamento de que fala a filosofia heideggeriana. (p. 30)

Vattimo irá ver a ontologia débil de Heidegger como uma “transcrição” da mensagem cristã, na medida em que esta é lida segundo o pressuposto da *kenósis* de Deus, ou seja, a sua encarnação. Deus teria, assim, um vocação para o debilitamento. Consideradas as coisas desta maneira, a secularização, enquanto concepção histórica da modernidade e como debilitamento do ser da metafísica, apresenta-se como um fato interior ao cristianismo, com caráter positivo e não como algo imposto de fora, com características destrutivas. Isto porque a própria mensagem de Jesus nos aponta para este processo de secularização, na medida em que ele fala de um Deus próximo e amigo do homem, contrapondo-se àquela visão de um Deus transcendente, absoluto e violento da religiosidade natural. A secularização é, portanto, “um efeito positivo do ensinamento de Jesus e não um modo de nos afastarmos dele”. (P. 33)

Ao longo de todo o livro, o fio condutor crítico será a secularização e o debilitamento. Para Vattimo, a herança cristã que regressa através do pensamento débil é a herança baseada no preceito cristão da caridade e da recusa da violência. Violência que está presente no Deus da religiosidade tradicional e, sobretudo, na metafísica. Haveria uma circularidade no discurso de nosso

autor? – é o que, neste ponto do livro, nos perguntamos. Ele mesmo não é capaz de responder, pois não sabe como identificar a primazia: se da herança cristã, se da filosofia do debilitamento.

No tópico *Secularização: uma fé purificada*, Vattimo irá delimitar melhor o que vem a ser a secularização, uma vez que esta é característica fundamental do cristianismo reencontrado por ele, ou seja, o cristianismo do fim da metafísica. Desta maneira, o cristianismo não deve ser encarado como sendo algo definitivo, ele deve sempre se dar à redescoberta, daí a secularização ser um fator positivo interior à tradição cristã:

Secularização como facto positivo significa que a dissolução das estruturas sagradas da sociedade cristã, a passagem a uma ética da autonomia, à laicidade do estado, a uma literalidade menos rígida na interpretação dos dogmas e dos preceitos, não deve ser entendida como um decréscimo ou uma despedida do cristianismo, mas como uma realização mais plena de sua verdade que é, recordemo-lo, a *kenosis*, o rebaixamento de Deus, o desmentir dos traços “naturais” da divindade. (P. 39.)

Para Vattimo isto leva à verdadeira essência da fé.

Vattimo sustentará suas reflexões tendo como premissa o fato de que “a revelação não revela uma verdade-objecto; fala de uma salvação em curso”. (P. 41) Deus continua se revelando aos homens dentro da história mundana e a história da salvação somente prossegue na medida em que reinterpreta constantemente os seus conteúdos. Assim, Vattimo poderá desenvolver uma crítica às posições autoritárias e absolutistas, sobretudo dentro do ambiente católico que, apoiado numa metafísica tomística e também na metafísica que Heidegger quis eliminar, de modo a pretender “uma verdade objectiva do ser que uma vez conhecida se converte em base estável de um ensinamento dogmático e, sobretudo, moral que pretende fundar-se sobre a natureza eterna das coisas”. (P. 42) Para nosso autor, Jesus, no evento da *kenosis*, nesse rebaixamento de Deus, desmente os sonhos metafísicos da religião natural que pensa Deus como absoluto. O fato desta revelação se dar continuamente na história proporciona a possibilidade de uma reinterpretação das Escrituras, como o próprio Jesus o fez em relação ao Antigo Testamento: “Ouvistes o que foi dito (...) eu porém digo-vos (...) já não vos chamo servos, mas amigos”. (P. 42) Vattimo

se concentrará nesta interpretação que Jesus faz das Escrituras, pois ela representa a relação de amor que é estabelecida entre Deus e os homens e dos homens entre si.

Num dos tópicos de seu livro, Vattimo fará uma crítica às filosofias existencialistas que, mesmo lutando contra a organização total científico-técnica, acabam por fazer uma espécie de metafísica. Em Heidegger há uma crítica a estas filosofias existencialistas, além do fato de ele apontar para uma cumplicidade entre subjetividade, objetivismo e metafísica. Numa pergunta que beira à radicalidade, Vattimo questiona se a dissolução das individualidades nas sociedades de massa não seria uma forma de salvação de todo excesso de objetivação da metafísica moderna. Neste fato haveria uma dissolução de estruturas fortes e a intercomunicação não permitiria a absolutização de nenhum sistema de valor. Não seria isso a manifestação da secularização, como impossibilidade de acesso à verdade? Não seria a secularização o estabelecimento da amizade de Deus com o homem e a encarnação de Cristo a própria essência da salvação?

Em um certo momento do livro, nosso autor irá concentra-se nas críticas ao cristianismo, sobretudo o de roupagem católica. Para ele, os fatores que impedem o homem moderno de escolher o cristianismo são certas posições morais e dogmáticas da igreja, as quais estão muito próximas do escândalo. Vattimo proporá, então, uma releitura dos dogmas e das doutrinas conforme os preceitos da secularização e da *kenosis* adotados por ele. Primeiramente, nosso autor falará da desmistificação da moral, ressaltando que a insistência da Igreja em manter certos aspectos indefensáveis da moral sexual não parece ser motivada por razões fundamentais, mas sim para evitar a impressão de um debilitamento da instituição. Em seguida, irá apontar para a necessidade da desmistificação dos dogmas, o que implicará no princípio da livre interpretação, de modo que nenhuma verdade pode ser dada de uma vez por todas, nem mesmo as palavras evangélicas, pois a revelação não está terminada, ela é um processo, ou seja, continua ocorrendo ao longo da história.

É interessante destacar que Vattimo trabalha a fundo o fato de que a retomada do cristianismo e da religião acontece graças à dissolução das filosofias metafísicas objetivas dogmáticas, pois com essa dissolução o homem moderno deixa de apoiar-se em

algo definitivo. Pode-se, então, retomar o cristianismo, que tem mais como ser, no fim da modernidade, um patrimônio de doutrinas definidas de uma vez por todas. O cristianismo, religião do amor, não deve ter ultimidade, pois esta sempre é uma violência, no sentido que silencia qualquer pergunta ulterior.

Vattimo, com sua proposta de releitura do cristianismo através do princípio da caridade, reavaliará as críticas feitas pelo iluminismo à religião e à herança cultural judaico-cristã da civilização ocidental. Tentará perceber como o iluminismo pode ser inserido dentro do processo de salvação. Nosso autor estende sua discussão aos conteúdos da fé cristã, afirmando que o que ele faz ao longo do livro é, na verdade, uma defesa do católico não praticante, o qual ainda é capaz de encontrar a riqueza da revelação sem, no entanto, ficar preso ao corpo de doutrinas e regras engessadas da Igreja.

Abrindo um parêntese à questão da moral cristã, Vattimo fará uma reflexão de caráter totalmente pessoal sobre os motivos que o levaram a se afastar da Igreja, incluindo questões à respeito de sua opção sexual. À certa altura, ele afirmará:

Comecei a deixar de ir a igreja quando, por um lado, no estudo da filosofia encontrei cada vez mais razões para considerar insustentável a metafísica cristã e, por outro, a nível pessoal comecei a tentar construir uma vida sentimental livre do esquema neurótico do pecado e confissão. (P. 70.)

Manifestará, em seguida, a maneira como ele pretende regressar ao cristianismo: não se submeterá novamente à tutela da Igreja e da sua metafísica, mas reinterpretará a mensagem evangélica segundo o amor, de modo a perceber os aspectos que elevam o ser humano e que afastam qualquer tipo de preconceito. Preconceitos que são frutos de uma mentalidade puramente metafísica, como, por exemplo, quando a Igreja nega o sacerdócio feminino baseada numa chamada “natureza da mulher”.

Já caminhando para o término de seu livro, a conclusão a que Vattimo chegará será quase que óbvia. Em face de todo o desenvolvimento do livro a única fé possível, segundo nosso autor, é uma fé reduzida. Mas o que vem a ser isto? Ao que nos responde: “(...) a essência da revelação reduzida à caridade, e tudo o resto deixado ao caráter não definitivo das diversas experiências histó-

ricas(...)". (P. 75.) Uma vez compreendido o que vem a ser uma fé reduzida, Vattimo apontará que "a mensagem do Cristo não ecoa no vazio, mas propõe uma tarefa em relação à situação em que nos encontramos, e nesta situação, para ser compreendida à luz da caridade, deve, em todo o caso, definir-se em termos reconhecíveis". (p. 78.)

O grande objetivo não é libertar-se da tradição cristã católica, mas perceber e compreender a si mesmo dentro da sua própria história, refazendo-se dentro desta história. Não há separação entre história da salvação e história secular. Assim, dispensa-se o salto da fé e a entrega inquestionável à tradição. Vattimo afirmará:

O que pretendo dizer é que o limite representado pelo princípio da caridade, que deve guiar a interpretação secularizante do texto sagrado, prescreve, pelo contrário, uma atenção caritativa em relação à tradição; mas esta atenção é dirigida à comunidade viva dos crentes e não se restringe à doutrina *ex cathedra* da hierarquia eclesial. (P. 85.)

Por fim, Vattimo, nos dois últimos tópicos de seu livro, irá reafirmar a posição defendida ao longo de sua discussão, retomando a questão do princípio de interpretação baseado na caridade e a sua extensão na secularização como parte integrante da história da salvação. Chegando ao término de seu livro ele afirmará:

(...) a escolha entre tragicismo e secularização só pode fazer-se tendo por referência esta "norma" escatológica. Uma norma tal - a caridade, destinada a permanecer mesmo quando a fé e a esperança já não forem necessárias, uma vez realizado completamente o reino de Deus - parece-me justificar plenamente a preferência por uma concepção "amigável" de Deus e do sentido da religião. Se isto é um excesso de ternura, foi o próprio Deus que dele nos deu exemplo". (P. 99.)

Como já foi observado no início, *Acreditar em Acreditar* é um livro que mescla filosofia, história pessoal do autor e críticas à Igreja Católica. Não podemos deixar de observar que por este fato, torna-se um livro inusitado, por que não dizer ousado. Há no livro muitas críticas à Igreja que, mesmo sendo conduzidas com muito cuidado pelo autor, que nos perdoem o trocadilho, conduzidas pelo princípio da caridade,

Ana Paula Moreira da Silva
Especialista em Ciência da Religião/UFJF

Rodrigo Toledo França
Mestrando, Pós-Graduação em Ciência da Religião/UFJF